

A relação da escrita e a oralidade: uma reflexão sobre as variações na escrita de alunos para além do ciclo de alfabetização

Ms. Telma de Freitasⁱ

Ms. Joyce Rodrigues Silva Gonçalvesⁱⁱ

Resumo:

Sabemos que a aquisição da escrita perpassa por aspectos morfológicos, gramaticais, textuais e fonológicos. Nesta pesquisa, trabalharemos, com o fonológico e sua relação com a aquisição e a produção da escrita de alunos do Ensino Fundamental. Pretendemos identificar as variações ortográficas em produções textuais de estudantes do 7º ano do ensino Fundamental e realizar uma análise quantitativa complementada pela análise qualitativa. O corpus para esta pesquisa é de 188 redações, coletadas em 2009, numa escola pública de Contagem. Os objetivos deste trabalho são: a) quantificar as variações ortográficas identificadas nas produções textuais, em que contexto elas ocorrem, b) analisar as variações, considerando a sua relação com a oralidade, c) verificar quais as variações ortográficas persistem no final do ano/ciclo e, como elas persistem, refletindo por que persistem, d) avaliar a produção individual dos alunos, buscando, conforme Abaurre(1992,1997), uma avaliação qualitativa das variações no nível individual. Segundo Toneli(1998), Lemle (2007), Cagliari(2006) e Moraes(2008), há vários fatores que podem afetar a escrita de palavras em português. O aprendiz necessita deduzir e apreender as regras que a própria língua estabelece, regras arbitrárias. Não conhecer as regras afeta a grafia de palavras. Há, ainda, outros fatores significativos que afetam a escrita: a oralidade (TONELLI, 1998, CAGLIARI, 2006). O aprendiz adota a fala como modelo da escrita. Em primeira análise indica que tanto as variações relacionadas às regras arbitrárias quanto à oralidade persistem, significativamente, no 7º ano, indicando a necessidade de se trabalhar as variações grafema/fonema para além do ciclo de alfabetização. Além da variação linguística como fator fundamental condicionante à escrita dos alunos e deve ser considerada no trabalho realizado pelo professor.

Palavras-chave: Alfabetização- escrita - oralidade

1. Introdução

Como professora de Língua Portuguesa de Contagem/MG, percebi que os alunos do 1º ano do 3º ciclo, (7º ano, antiga 6ª série, de ensino fundamental em 8 anos), possuem dificuldades significativas no que se refere à produção escrita apresentada, com uma extensa variação ortográfica. E, em discussão com professores de 2º e 3º anos do 3º ciclo, percebemos que a dificuldade acerca da escrita é bastante acentuada em todo o ciclo. Ciclo que, teoricamente, não deveria perpassar mais pela alfabetização como um processo de aquisição da língua, seja

ela oral ou escrita, pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja, “o domínio da tecnologia, de técnicas para exercer a arte e a ciência da escrita” (SOARES, 2003, p. 37). Mas, sim, pelo desenvolvimento das habilidades sociais da língua que se relaciona ao letramento, que é o estado ou a condição que adquire o grupo social ou o indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita, conforme Soares (2003, p. 40).

Neste ponto, iniciamos os questionamentos: Como o conhecimento sobre as relações grafo-fonêmicas regulares e irregulares seria ativado para os alunos? Essa ativação se dá da mesma forma para todos os alunos? E ao mesmo tempo? O erro ortográfico se dá pelo motivo de os alunos estarem em transição do 2º para o 3º ciclo? Ou continua durante o ciclo? Quais são esses erros ortográficos? Quais os mais frequentes no período analisado? Em que contextos eles ocorrem? Qual a relação desses erros ortográficos com a oralidade? Assim, nos debruçamos a pesquisar acerca dessas questões e levantar outras questões que possam ser objeto de pesquisas futuras, erros ortográficos no começo e no final do 3º ciclo.

Sabemos que a aquisição da escrita perpassa por aspectos morfológicos, gramaticais, textuais e fonológicos, mas a pesquisa foi trabalhada, especificamente, com o nível fonológico e sua relação com a aquisição e a produção da escrita de alunos do Ensino Fundamental.

Outras pesquisas com a mesma linha já foram realizadas, como Toneli (1998), Detomi (1998), Lemos (2001) e Freitas (2001), porém o trabalho realizou-se com crianças na fase da alfabetização. Nossa pesquisa avança, pois o corpus de nosso trabalho baseou-se em produções textuais de alunos que já saíram do ciclo de alfabetização, 7º ano. Assim, cabe pesquisar qual o peso da oralidade na escrita de alunos do 3º ciclo.

São constantes ocorrências como: a troca das terminação verbal “ão” por “am” (como por exemplo, na palavra “**estam**” no lugar de “estão”); o uso do “lh”, para escrever a sequência “li” (como, por exemplo, “**familha**” no lugar de “família”); a substituição do “o” por “u” (como, por exemplo, em “**puluida**” no lugar de “poluída”) e do “g” por “j” (como “**protejida**” no lugar de “protegida”), a ditongação (como “**canoua**” no lugar de “canoa”), o cancelamento do “d” gerúndio “ndo” (como “**fazeno**” no lugar de “fazendo”); o uso do “z” substituindo o “s” (como “**ves**” no lugar de vez); a troca do “l” por “u” (como, por exemplo, “**voutaram**” no lugar de “voltaram”).

Identificamos as variações ortográficas em produções textuais de alunos do 1º ano do 3º ciclo do ensino Fundamental, numa análise quantitativa complementada pela análise qualitativa.

Os objetivos que nortearam este trabalho foram: Quantificar e analisar as variações ortográficas identificadas nas produções textuais, considerando a sua relação com a oralidade, identificando em que contextos as variações ortográficas dos aprendizes ocorrem, verificando quais as variações ortográficas persistem no final do 1 ano do 3º ciclo e, em quais contextos elas persistem e principalmente, refletir sobre o porquê de persistirem e por fim, avaliar a produção individual dos alunos, buscando, conforme Abaurre (1997), uma avaliação qualitativa das variações no nível individual.

2- Processo Metodológico

O *corpus* de nossa pesquisa foi constituído de 158 produções textuais, coletadas em duas etapas, a primeira em maio de 2009, com 79 textos, e a segunda etapa em novembro do mesmo ano, também com 79 textos. Os nossos produtores variam de idade, entre 11 a 15 anos, com 31 alunos do sexo masculino (39,25%) dos alunos e 48 alunos do sexo feminino (60,75%).

A metodologia da pesquisa perpassou pela análise quantitativa para identificar quais eram os erros mais frequentes no período analisado e quais erros persistiram, significativamente. Refletimos sobre quais são as hipóteses desses alunos sobre o funcionamento da língua e da ortografia. E uma análise qualitativa buscando compreender as hipóteses que eles realizam sobre a ortografia

3- Análise dos dados

A análise da pesquisa foi realizada em textos de alunos do 1º ano do 3º ciclo, coletados no início do ano de 2009 e também no final do corrente ano. Perpassou inicialmente pela análise quantitativa para a observação geral da persistência ou supressão dos erros, no decorrer do tempo analisado. Fizemos, então, a contagem dos dados nas duas coletas. A primeira coleta foi realizada no início do ano de 2009 (no mês de maio), e a segunda coleta, no final do mesmo ano, em novembro. Pretendemos, assim, na pesquisa, avaliar os principais erros

ortográficos, inclusive de indícios da oralidade encontrados nos textos dos alunos do 1º ano do 3º ciclo.

Levantamos os erros, inicialmente, nos textos recolhidos em maio, e, em seguida, na coleta posterior, observando quais erros ortográficos tornaram-se mais frequentes e quais eram menos frequentes. Foram analisados 79 textos em cada etapa, totalizando 158 textos. Dentro desse contexto, analisamos, na pesquisa, 398 (trezentos e noventa e oito) erros na primeira etapa e 348 (trezentos e quarenta e oito) erros na segunda etapa, perfazendo, assim, 746 (setecentos e quarenta e seis) erros ortográficos nas duas etapas, uma média de 5 a 6 erros por texto, conforme tabela 1:

TABELA 1: Tipo de erros encontrados nos textos dos alunos

Tipos de erros	1ª etapa	2ª etapa	Total das duas etapas	Percentual
R final	63	54	117	15,7%
Erros envolvendo o grafema “s”	65	52	117	15,7%
Dígrafo	59	42	101	13,5%
Erros envolvendo “l” e “u”	47	28	75	10,0%
Nasalidade	28	43	71	9,5%
Alçamento de vogais (“ i ” por “ e ” ou “ u ” por “ o ”)	34	31	65	8,7%
Troca de letras/sons semelhantes	26	25	51	6,8%
M/n antes de p/b	17	12	29	4,0%
“AM” e “ÃO”	18	32	50	6,7%
Troca de “m” por “n” ou vice versa	20	08	28	3,8%
Redução de ditongo	13	08	21	2,8%
Erros envolvendo da letra “h”	08	13	21	2,8%
Total	398	348	746	100%

De um modo geral, observamos que os erros envolvendo “S”, “R” e dígrafos são os mais recorrentes. Nossa hipótese é a de que, na verdade, cada uma dessas variações engloba muitas classificações, por isso o alto índice. Mas, se considerarmos os erros como troca de “L” e “U”, “AM” e “ÃO”, estes chamam a atenção por se tratarem de tipos de erros mais

específicos. Veja-se que a troca de “AM” e “ÃO” é menos frequentes no todo, mas por ser um único tipo de erro, é considerável.

Porém, se observamos separadamente, perceberemos que, na primeira fase foram encontrados 398 erros ortográficos e na segunda etapa encontramos 348 erros ortográficos, em alguns tipos de erros, houve um acréscimo e em outros tipos de erros, decréscimo da primeira para segunda etapa.

As tipologias em que decresceram o índice de percentual de erros da primeira para a segunda etapa de coleta de dados ocorreram provavelmente devido à proximidade da oralidade com a escrita como: a redução de ditongos; erros pelo não conhecimento da ortografia como os sons do **grafema “S”** e dígrafos; outros erros pela vontade de tentar acertar inclusive cometendo a hipercorreção, como o **acrécimo do “R” final em palavras**.

Temos, também, os tipos de erros em que cresceu o índice da primeira para a segunda etapa: **nasalidade, troca do “AM” pelo “ÃO”, e erros envolvendo o grafema “H”**. Muito pelas tentativas das hipóteses no aluno, no vai e vem da aquisição da escrita.

Temos aí indícios importantes para o trabalho do professor em sala de aula. Saber quais erros os alunos cometem mais frequentemente, quais erros diminuem em determinado período e quais erros aumentam. Este pode ser um ponto de partida para um trabalho de sistematização do conhecimento ortográfico. O interessante na pesquisa foi perceber que os erros que cresceram ou decresceram no índice da primeira para segunda etapa advêm de várias hipóteses. Uma delas é a proximidade da fala com a escrita, e a outra é a testagem de hipóteses referentes à própria ortografia. Mas, de um modo geral, percebemos que os alunos têm a oralidade como ponto muito forte na sua escrita.

Após ter realizado uma análise quantitativa, referente ao *corpus* da pesquisa em questão, analisamos qualitativamente dois textos específicos de um aluno buscando compreender as hipóteses que ele realiza sobre a ortografia. Para realizar tal análise, utilizamos os princípios de Abaurre (1997). De acordo com a autora, os textos dos alunos podem nos mostrar seus aspectos indiciários, manifestações singulares no processo de constituição da aquisição da escrita.

Usamos textos em contexto escolar, com a preparação para a produção escrita, embora sem serem submetidos à correção pela professora. Para Alvarenga:

Se por um lado, essas condições controladas de produções textuais fornecem à análise de um número limitado de erros, por outro lado, os poucos erros cometidos crescem em importância, pois são aqueles que conseguiram “escapar” ao controle rigoroso à consulta implícita, em situações de produção escolar de texto (ALVARENGA, 1989, p. 12).

Neste sentido, trabalharemos para analisar qualitativamente os erros ortográficos nos textos produzidos por alunos e alunas do 1º ano do 3º ciclo, 7º ano considerando textos de 01 aluno tanto da primeira como também da segunda fase da coleta de dados. A escolha desses textos decorreu do fato de que eles apresentam erros ortográficos que persistem ao longo do período de coleta, ou seja, durante o início e o final do ano de 2009.

Segundo Toneli (1998), Lemle (2007), Cagliari (2006) e Morais (2008), há vários fatores que podem afetar a escrita de palavras em português. Em alguns casos, o aprendiz necessita deduzir e apreender as regras que a própria língua estabelece, que são arbitrárias. O não conhecimento das regras podem constituir fatores que afetam a grafia de palavras. Há, ainda, outro fator significativo que afeta a escrita: a oralidade (TONELI, 1998; CAGLIARI, 2006). O aprendiz adota a fala como modelo da escrita, a fala serve, até certo ponto, como modelo para escrita, mas há outros fatores

Análise da 1ª coleta

O texto para análise é de L.R.P tem 12 anos. O tamanduar.

O tamanduar

*Era uma vez um **tamanduar** na cidade olhando para o rio, lá estava o peixe e ele olhando para eles começou a **escurese** e **derrepente** ele **voutou** para usa cada quando ele chegou na sua casa ele **mai** os pais dele olhando para a janela lá fora olhando a cidade e **ficol** tarde e ele os seus pais foram **dormi**.*

*Quando acordaram ele **resovel** ir **em bora** para o rio e ele tinha **dessidido** que ele iria para o rio e Le pegou sua mala e foi embora com **algus** companheiros, e ele gostou e foi embora com a alegria que era o seu sonho.*

Percebemos conforme marcado no texto algumas variações ortográficas neste texto. A interferência da oralidade está bem acentuada como no acréscimo do “r” na palavra “tamanduar”, a troca do “l” pelo “u” na palavra “voutou”, a troca do “u” pelo “l” a palavra “ficol”, a supressão do “r” no verbo “dormi” e a supressão do “u” na palavra “resovel”. Além da variação lingüística na supressão do “s” na palavra “mai” e a supressão no “n” na palavra “algus”. Encontramos a segmentação a “derrepente” escrita junta. E, também, regras, ainda, incipientes: “escurese” usa “s” no lugar de “ss”, “dessidido” usa “ss” no lugar do “c”.

O texto produzido por L.R.P. chama a atenção pelo número significativo de variação orográfica ligada à oralidade e também à variação lingüística. O acréscimo de letras como “r”, troca de letras como “l” por “u” e também “u” por “l”, também a supressão de letras como “s”, “n” e “r”. Essa variação podemos dizer que o aluno deve fazê-la pela proximidade da escrita com a fala, ainda, realiza hipótese na escrita através da fala, de como ele fala.

Análise do texto da segunda coleta.

O tamandoar e a família

*Era uma vez, o **tamandoar** que mora na cidade, é ele estava observando a paisagem e ele **olho** para o rio e pois a mão na boca, por causa da poluição a lata, peixe, sacola e etc. ...*

*E ele voltou para a casa e chamou a sua esposa, e o seu filho e **continou** observando pela janela a paisagem os três **ficara** assustado com a **fumasa** do carro saindo o rio sujo.*

*Eles **resoveram muda** de cidade em borá eles foram levando a sua mala.*

*Quando chegaram lá **divertira** para valer eles nadaram por que o rio na cidade era sujo, e **a qui e linpo** peixes pulando, na cidade todos mortos e agora ele estão adorando a onde eles moram e eles **ficara** feliz sempre.*

Analisamos o texto conforme análise dos textos coletados no início do 1º ano do 3º ciclo.

Primeiro vamos perceber as variações contidas para depois, observar se há persistência de variações e qual contexto elas persistem.

No texto existe a interferência da oralidade observada no acréscimo do “r” na palavra “tamandoar”, também através da supressão da vogal “u” na palavra “olho”, da supressão do “l” na palavra “resoveram” e também a supressão do “r” na palavra “muda”. Notamos, ainda, que o aluno escreve “ficara” quando a escrita do verbo ficar na 3ª pessoa do plural é “ficaram”, Escreve “divertira” quando a escrita do verbo divertir na 3ª pessoa do plural é “divertiram”. Percebemos, também as regras, ainda, incipientes: Alteração de “ç” por “s” “fumasa”, uso da letra “n” antes de “P” e “B”, na palavra “linpo” e por fim o uso da idiosincrasia: Escreve “continou” para dizer continuou.

Para fazer uma análise das variações persistentes e seus contextos usaremos, no que se refere à oralidade trabalharemos com Toneli (1998), e Cagliari (2006).

Ao analisarmos os dois textos de L.R.P., percebemos que nos textos escritos pelo aprendiz há variações parecidas, inclusive a consistente aparência da interferência da oralidade. No primeiro texto o aluno intitulou seu texto de “O tamanduar”, no segundo texto o intitulou de “O tamandoar e a família”, **persistindo o acréscimo do “r”, além da troca do “u” pelo “o”, a supressão do “l” na palavra “resoveram”**

Há, também a **persistência do monotongação** que, segundo Toneli (1998) consiste em transformar um núcleo de uma vogal e uma semi-vogal em um núcleo simples, como a palavra escrita “**olho**” ao invés de “**olhou**”.

Há, também, a **supressão do “r” na palavra mudar escrevendo “muda”**. Essa supressão é a variação do som r de dialeto para dialeto (CAGLIAIRI, 2006), um apagamento da consoante pós-vocálica, nas formas verbais, sempre em sílabas tônicas e em palavras oxítonas.

Notamos, ainda, assimilação, um segmento liga-se a outro, um som torna-se semelhante a outro som na palavra (TONELI, 1998), podemos observar esse processo na escrita do aluno

“ficara” quando a escrita do verbo ficar na 3ª pessoa do plural é “ficaram”, o mesmo processo acontecendo na escrita “divertira” quando a escrita do verbo divertir na 3ª pessoa do plural é “divertiram”.

Percebemos a **presença das regras, arbitrárias** (LEMLE, 2007, p. 24, ainda, incipientes: com a alteração de “ç” por “s” intervocálico diante de a,o,u. “fumasa”, bem como o uso da **letra “n” com nazalidade antes de “P” e “B”, na palavra “linpo”**

E, por fim, o uso da idiossincrasia, escrita que está fora da regra, “erros” que acontecem esporadicamente nas produções textuais dos aprendizes (ABAURRE, 1997). No texto temos como exemplo desse processo a palavra “continou” que L.R.P. escreveu para dizer continuou.

4 - Algumas observações gerais

Observamos produções textuais de alunos, nas quais percebemos uma quantidade significativa de erros ortográficos e uma variada tipologia desses erros como: troca de letras semelhantes; alçamento de vogais, redução e acréscimo do “R” final; redução e acréscimo de dígrafos; redução de ditongo, erros envolvendo o grafema e o som de “S”; a troca dos grafemas “L” e “U”. 1. Uma variação ortográfica significativa de troca de diferentes grafemas que correspondem a um mesmo fonema. Por exemplo, os grafemas “ÃO”(sílabas fortes) por “AM”(sílabas fracas) mesma pronúncia na fala, mas escritas distintas e o “L” e o “U”, em final de sílaba, têm a mesma forma sonora no dialeto em questão, mas se diferem na escrita.

Percebemos que as relações grafo-fonêmicas regulares e irregulares não são ativadas da mesma forma para todos os alunos. Os erros são advindos do início da alfabetização como as trocas de letras semelhantes, além dos erros provenientes da proximidade da fala com a escrita. Então, uma de nossas hipóteses, que os dados confirmaram, é a de que os erros persistentes, que envolve a oralidade, são aqueles em que, na fala, há uma única forma e na escrita há formas distintas, em competição. Ou seja, não há pistas na fala que possam ajudar o aluno na escrita.

O que nos chama a atenção é que falta, ainda, uma metodologia que leve o aluno a atentar às regras ortográficas, uma vez que a ortografia é cristalizada, diferentemente da escrita. Argumentamos, assim, que a internalização da regra se dará somente após sua compreensão e não através da mera escrita ou cópia mecânica.

E apontamos ainda que a escola deve agir preventivamente para evitar que o aluno chegue ao terceiro ciclo, e ainda avance nos ciclos posteriores, com extensa dificuldade na ortografia. O

professor, muitas vezes, não leva em consideração a bagagem que o aluno traz consigo ao inserir-se na escola, ou seja, a fala. O aluno já sabe que existem regras para falar, inclusive, porque ele mesmo já consegue construir frases sintática, fonológica e semanticamente corretas.

É importante saber também que há uma variação linguística, mas que essa variação não é aceita em todos os lugares, e que inclusive há regras para a escrita e também para a fala dependendo do gênero textual, tipo de texto, do seu interlocutor. É a partir dessas regras que o aluno vai ser inserido no mundo social através da língua padrão, socialmente reconhecida. O aluno tem de estar preparado para usar seu texto seja oral ou escrito nas diversas situações sociais.

Na escrita, cada aluno tem uma maneira peculiar de escrever passando por vários cernes para levantar e testar suas hipóteses sejam elas pela proximidade da fala, pela variação linguística, geográfica, conhecendo ou não a aplicação das regras ortográficas. O que se faz necessário é que o professor mediador dessa aprendizagem consiga entender o momento rico em que o aprendiz se encontra, para analisar qual a necessidade do aluno naquele momento e, a partir daí, preparar atividades que poderão facilitar e solucionar dúvidas em relação à escrita.

A distinção de tipos de erros em função de seus condicionamentos tem, também, grande importância para o trabalho de profissionais responsáveis pela alfabetização, pois cada um desses tipos de erros deve receber tratamento específico, diferenciado (ALVARENGA, 1989, p. 28).

Diante de tais observações, podemos apontar que os conhecimentos da fonética e da fonologia poderão contribuir para a diminuição de erros no 3º ciclo. Primeiro, achamos necessário que se reformulem os currículos de graduações em licenciatura em que o estudo da ortografia e da aquisição da escrita apareçam de forma significativa com o intuito de subsidiar o profissional alfabetizador. Para além da graduação, formação continuada, em serviço (NOVOA, 1991), nas áreas afins, poderá contribuir para que esse profissional se capacite, resultando em realizar intervenções, o que possivelmente contribuirá de forma significativa para diminuição dos erros, tentando aproximar da escrita padrão, escrita que se faz necessário para a inserção desse aluno no mundo do trabalho.

5 - Referências bibliográficas

- ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. Em busca de pistas. In: _____ . *Cenas de aquisição da escrita: o trabalho do sujeito com o texto*. Campinas: Mercado de letras, 1997;
- ALVARENGA, D. et al. *Da forma sonora da fala à forma gráfica da escrita : Uma análise linguística do processo de alfabetização*. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, 1989;
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*: 10ª ed. São Paulo: Scipione, 2006;
- DETOMI, Ana Lucia Martins. *Ortografia – A complexidade de um processo - sobre a aquisição dos dígrafos consonantais por crianças de 1ª a 4ª séries*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1998;
- FREITAS, Edir. *Aprendizagem da estrutura silábica CCV: oralidade e escrita*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001;
- LEMLE, M. *Guia Teórico do alfabetizador*. São Paulo: Ática, 2007;
- LEMOS, Fernando A.P. *Interferência da oralidade na escrita: o caso de registro ortográfico do “e,i,o,u” átonos*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: FALE/UFMG,2001;
- NOVOA, A. “Formação de professores e profissão docente”. Artigo apresentado no 1º Congresso Nacional de Formação Contínua de Professores. Aveiro: Un. de Aveiro, 1991;
- OLIVEIRA Marco Antônio de. *Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita: caderno do formador /Marco Antônio de Oliveira*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.
- _____, Marco Antônio e NASCIMENTO, Milton do. *Da análise de “erros” aos mecanismos envolvidos na aprendizagem da escrita*. Educ. Ver., Belo Horizonte, n.12, p.33-43,dez.1990.
- SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2003.
- TONELI, Neiva Costa. *A construção do sistema ortográfico: Uma análise das variações de escrita em pontos de instabilidade silábica*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: FALE/UFMG , 1998 (mimeografado).

ⁱ Profª . Ms. Residente docente - (CP- UFMG) - telma.freita@yahoo.com.br

ⁱⁱ Profª Ms. -CP –UFMG - . joycerodrigues1984@hotmail.com